

# MULHERES AGRICULTORAS CONTEMPORÂNEAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Andréia Piccinin\*

Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto\*\*

## Resumo

O presente artigo aborda o tema desigualdade de gênero, no intuito de realizar uma reflexão a respeito da evolução da mulher na conquista pelos seus direitos e de o que ainda precisa ser conquistado para garantir finalmente a igualdade entre homens e mulheres. Em relação à mulher agricultora, percebe-se que o preconceito com este grupo ainda se encontra acentuado, isso porque o trabalho feminino é considerado leve e de segunda mão. Assim, nesta pesquisa, é necessário observar em que nível se encontra o processo de desigualdade de gênero entre as mulheres agricultoras e como elas encaram esse preconceito, além da visão destas sobre a mulher contemporânea e os diversos tipos de papel que são desempenhados pelas mulheres agricultoras atualmente. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres agricultoras, casadas ou viúvas, residentes em um município de pequeno porte situado na região Meio-Oeste catarinense. Para a coleta de dados, optou-se por uma entrevista semi-estruturada, contendo quatro perguntas norteadoras. O local onde ocorreu a entrevista foi na própria residência das sujeitas. A análise foi feita a partir das falas das sujeitas e correlacionada com a literatura específica. Como resultado, percebe-se que as entrevistadas reconhecem uma evolução da mulher diante do homem, porém, ainda existe um preconceito em relação à mulher agricultora, do qual, diversas vezes, as próprias mulheres são reprodutoras. Elas percebem que trabalham mais que o homem, porém, não deixam de se submeter a realizar trabalhos domésticos e ser responsáveis pela educação dos filhos. Palavras-chave: Gênero. Estigma. Mulher agricultura. Mulher contemporânea.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a mulher precisou enfrentar grandes lutas na busca de um tratamento igualitário da sociedade diante do homem. Em pleno século XXI, a maioria das mulheres trabalha fora e ajuda nas economias da família, assim, ganha certa independência diante do marido, entretanto, percebe-se que a discriminação de gênero ainda é presente em nossa cultura. Um exemplo claro dessa desigualdade, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística (2013), é o fato de que as mulheres, ainda que realizem atividades semelhantes aos homens em determinado cargo, continuam recebendo salários inferiores aos deles e, além disso, também demoram mais para conseguir um emprego.

Ao observar a mulher no contexto agrícola, percebe-se que essas desigualdades parecem acentuar-se ainda mais, pois o trabalho feminino é considerado leve e de segunda mão. Dessa forma, faz-se necessário buscar compreender em que nível se encontra o processo de desigualdade de gênero entre as mulheres agricultoras, além de identificar qual a percepção dessas mulheres sobre a questão de gênero e como elas encaram esse preconceito, além de reconhecer a visão destas sobre a mulher contemporânea e os diversos tipos de papel que são desempenhados pelas mulheres agricultoras atualmente.

Existem poucas pesquisas no ramo da psicologia voltadas para a mulher agricultora, e as pesquisas existentes têm maior ênfase nos movimentos sociais realizados por elas. Em contrapartida, as discussões em relação às questões de gênero estão evidenciadas no cenário atual. Assim, neste trabalho, busca-se realizar uma reflexão a respeito da evolução da mulher na conquista pelos seus direitos e discutir as questões de gênero em um ambiente onde essa desigualdade mostra-se marcante.

\* Graduanda de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina Campus de Joaçaba; andrea.piccinin@hotmail.com

\*\* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Especialista em Psicologia Organizacional pela Universidade Estácio de Sá; Professora titular do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Rua Getúlio Vargas, 2125, Flor da Serra, 89600-000, Joaçaba, Santa Catarina, Brasil; ana.parizotto@unoesc.edu.br

## 2 MÉTODO

A presente pesquisa utilizou o método qualitativo. Esse tipo de método permite a compreensão com maior abrangência e aprofundamento do fenômeno estudado. Oliveira (1997, p. 117) refere-se à pesquisa qualitativa da seguinte forma:

[...] possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Assim, percebe-se que com base nos objetivos da pesquisa que o método qualitativo é o mais apropriado para a realização desta.

### 2.1 SUJEITOS

Foram selecionados sete participantes para a pesquisa, todos do sexo feminino, acima de 18 anos, casadas ou viúvas, residentes na área rural de um município de pequeno porte situado na região Meio-Oeste catarinense e participantes do MMC (Movimento das Mulheres Camponesas) ou de grupos relacionados a mulheres agricultoras.

### 2.2 CONTATO COM OS SUJEITOS

O primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foi feito via telefone, fornecido anteriormente pela presidente dos grupos das mulheres agricultoras.

Neste contato, foi agendado com as sujeitas da pesquisa a data e local para a coleta de dados.

### 2.3 SITUAÇÃO E AMBIENTE

As entrevistas aconteceram nas residências das sujeitas, em dias e horários previamente agendados, conforme a disponibilidade de cada entrevistada.

Este local foi escolhido com o intuito de evitar perturbações de outras pessoas e também, interrupções durante a coleta de dados.

### 2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a pesquisa, foi realizada somente uma entrevista semi-estruturada, com quatro perguntas abertas previamente elaboradas, relacionadas diretamente com o tema da pesquisa.

### 2.5 ASPECTOS ÉTICOS

No intuito de preservar os aspectos éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, as sujeitas deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os nomes dos sujeitos envolvidos na pesquisa foram mantidos no anonimato, sendo substituídos por abreviações como S1, S2, S3, S4, S5, S6 e S7.

A presente pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de Joaçaba para aprovação, somente após a referida submissão e aprovação iniciou-se a coleta de dados.

## 2.6 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após as entrevistas, os dados transcritos foram analisados e relacionados à literatura específica.

Essa análise dos dados coletados com a entrevista foi realizada por meio do conteúdo contido nas falas das sujeitas.

A apresentação dos dados foi feita por meio de elaboração de artigo científico.

## 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semi-estruturada contendo dois blocos temáticos: o bloco I, com dados de identificação dos sujeitos da pesquisa, e o bloco II, contendo questões norteadoras referentes ao tema de pesquisa.

A Tabela 1, ilustra os dados de identificação dos sujeitos da pesquisa:

Tabela 1 – Dados de Identificação dos Sujeitos

Nome	Idade	Escolaridade	Religião	Nº de Filhas	Nº de Filhos
Sujeito 1	54 anos	1ª a 4ª série	Católica	----	2
Sujeito 2	70 anos	1ª a 4ª série	Católica	7	----
Sujeito 3	66 anos	1ª a 4ª série	Católica	2	1
Sujeito 4	78 anos	1ª a 4ª série	Católica	1	4
Sujeito 5	41 anos	Superior Completo	Católica	2	----
Sujeito 6	41 anos	Ensino Fundamental Completo	Católica	1	1
Sujeito 7	72 anos	1ª a 4ª série	Católica	2	3

Fonte: os autores.

A partir da Tabela 1, é possível observar que as idades das entrevistadas variam entre 41 e 78 anos. O nível de escolaridade de 1ª a 4ª série corresponde a 71%, ensino fundamental completo, 14% e ensino superior completo, 14%. A religião predominante é a Católica (100% das entrevistadas) e a maioria delas possui filhas mulheres.

### 3.1 DIFERENÇAS ENTRE HOMEM E MULHER: ASPECTOS RELEVANTES

Conforme a fala das sujeitas da pesquisa, observa-se que entre as sete entrevistadas, 43% delas se referem às diferenças entre homem e mulher, especificamente ao aspecto liberdade. Isso fica evidenciado nas seguintes afirmações:

O homem é mais livre, ele faz o que quer e a mulher aceita mais fácil. (S3).

O homem aproveita mais, nos domingos ele é livre, nos finais de semana ele vai jogar baralho e na bodega. Já a mulher fica cuidando das crianças. (S4).

A filha mulher, no meu tempo, ficava em casa, para os filhos homens se divertirem. (S4).

O homem é diferente da mulher em muitas coisas, questões de relacionamentos, gostam mais de sair, jogar baralho. (S7). (informações verbais).

De acordo com o tema liberdade, deve-se considerar a questão do lazer, o qual no meio rural, é muito mais raro para as mulheres do que para os homens. Brumer (2004) e Paulilo (2004) afirmam que as mães até conseguiriam levar os filhos em seus passeios, entretanto, a elas cabe a responsabilidade de cuidar dos animais domésticos, os quais requerem cuidados diários.

Assim, Andrade et al. (2009, p. 46) afirmam, também, que para as mulheres, a principal atividade de lazer acaba ocorrendo em casa, por meio da televisão. Já para os homens, existe a possibilidade de escolha de outras ativi-

dades, como conversar com amigos. Isso porque eles se abstêm da responsabilidade de dividir esses momentos com os filhos, e de atender às vontades de sua mulher.

Outro aspecto observado que emerge nas falas das respondentes da pesquisa se refere à diferença relacionada à força física. O que é evidenciado nas falas: “Pela força. A mulher até se esforça bastante para fazer o que o homem faz, e muitas vezes não consegue.” (S3); “A maior diferença entre homem e mulher é biológica. O homem tem mais força.” (S5). (informações verbais).

Brumer (2004) afirma que na divisão de trabalho que se estabelece entre os sexos, no meio agrícola, ao homem cabe geralmente a exclusividade de desenvolver serviços que requerem maior força física, como lavrar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores e fazer cerca. Também cabe ao homem o uso de maquinário agrícola mais sofisticado, como o trator. Assim, percebe-se que de fato existe diferença entre a força física da mulher se comparada com a do homem, o que acaba se tornando um dos principais artefatos na divisão de tarefas no ambiente rural.

### 3.2 MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Em relação à mulher contemporânea, a maioria das sujeitas da pesquisa (71%) ressaltou o fato de a mulher estar sobrecarregada, pois trabalha fora como o marido, e continua a realizar tarefas domésticas:

A mulher moderna ainda tem que cuidar da casa e dos filhos em sua maioria. (S1).

A mulher trabalha fora igual ao homem, com um salário menor na maioria das vezes e a responsabilidade da casa e dos filhos ainda fica pra ela, acredito que a própria natureza faz com que a mãe fique mais responsável pelos filhos. (S3).

A mulher da roça trabalha mais que o homem, mas a mulher na cidade trabalha igual ao marido, porque o marido também ajuda em casa. Mas no cuidado com os filhos a responsabilidade ainda é das mulheres. (S4).

Dependendo da mulher, possui uma independência, mas continua fazendo o que sempre fazia. Por exemplo, o cuidado com a casa, filhos, marido continua sendo tarefa dela. (S6).

As tarefas deveriam ser divididas, mas nem em todos os casais isso acontece. E isso faz com que a mulher fique sobrecarregada demais. O marido deveria ajudar mais, mas acredito que nunca isso vai acontecer, de todos ajudarem, alguns sim, mas todos não, porque o homem ainda é muito machista. (S7). (informações verbais).

As próprias mulheres, mesmo com a conquista de sua liberdade, continuam culturalmente responsáveis pelo lar, marido e filhos. Conforme Evans (1994 apud BORGES 2009) “[...] a ideia de que a natureza biológica das mulheres às confere este cenário doméstico revela ainda uma ideia muito verdadeira para a maioria das mulheres no mundo, embora a natureza e a condição deste destino possam diferir substancialmente.”

Esta naturalização da mulher como biologicamente responsável pelo trabalho doméstico, na verdade, é reflexo de uma educação diferenciada entre os dois sexos. Para Jesus (2004), o menino, desde o início da infância, é estimulado a ser forte, frio e corajoso, e a menina acaba sendo incitada a ser delicada, insegura e emocional. Um bom exemplo disso é visto nas brincadeiras, quando o menino geralmente ganha bola para jogos que favorecem a agressividade da disputa e a menina recebe bonecas, jogos de cozinha, enfim, brinquedos que estimulam o caráter materno.

Beauvoir (1980) também é firme em suas palavras: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de fêmea.”

Saffioti (1987) é outra autora que percebe esse processo de naturalização da mulher perante os afazeres domésticos como algo forjado pela sociedade. De acordo com ela, a sociedade procura fazer crer que a atribuição do ambiente doméstico à mulher deriva de sua competência em ser mãe.

Entretanto, ao serem questionadas sobre a independência da mulher perante o homem, 42% das entrevistadas demonstrou certo preconceito sobre esta questão:

A mulher moderna é muito “atirada”, deixa o marido com o filho e sai fazer festa. Acho que é uma coisa boa a mulher trabalhar fora, desde que realmente precise. (S2).

A mulher moderna possui muita liberdade. Elas deveriam se dar mais valor. Porém, elas possuem mais conhecimento. (S3).

Hoje a mulher quer ser mais que o homem, ela quer governar. Meu pai falava que quando as mulheres começassem a governar, era o fim do mundo. (S4) (informações verbais).

Em relação às falas citadas, Rodrigues (2007) afirma que é possível encontrar a reprodução do machismo advindo das próprias mulheres, em que elas se colocam em uma suposta posição de inferioridade perante os homens.

Isso ocorre em razão da educação em que elas são submetidas, sendo esta propagada pela família, igreja, escolas e meios de comunicação, os quais repetidamente reforçam que os comportamentos adequados para meninas são diferentes dos comportamentos esperados dos meninos.

Rodrigues (2007) ainda coloca que, para se combater a propagação desse tipo de preconceito, algumas atitudes poderiam ser tomadas, como: evitar fazer divisão de grupos por sexo, estimular o pensamento crítico por meio de leituras sobre gênero, ressaltar a importância da mulher na sociedade e acabar com os estereótipos que dividem homens e mulheres.

### 3.3 TAREFAS ENTRE HOMENS E MULHERES NO CONTEXTO AGRÍCOLA

Quando questionadas sobre as diferenças nas tarefas entre homens e mulheres do contexto agrícola, 85% das entrevistadas (S1, S2, S3, S4, S5 e S7) afirmam que suas tarefas seriam mais voltadas a afazeres domésticos e cuidado com os filhos, além de ajudar seu marido na agricultura:

Ele tira o leite, trata as vacas. Eu ajudo a plantar e cuido das tarefas domésticas. (S1).

No contexto agrícola, ela acaba ficando com o serviço da casa, pão, cozinha. Além de cuidar dos filhos. (S2).

A mulher fica com as “miudezas”, como ordenhar vacas, plantar legumes para consumo familiar, cuidar da casa e ainda ajudar o homem. É visível que a mulher trabalha muito mais que o homem na roça. (S3).

Já as tarefas relacionadas à mulher, seriam mais os cuidados com a casa, o cuidado com as crianças, ajudar um pouco o homem na propriedade (ela não fica o dia inteira, mas ajuda). (S4).

A mulher acaba ficando com mais tarefas (tarefas da casa, como organização, limpeza, cozinha, cuidar dos filhos). (S5).

A mulher ajuda o homem nessa parte, mas não é tanto. E ainda faz o serviço da casa. Acaba trabalhando mais que o homem. (S7). (informações verbais).

Mesquita e Mendes (2012, p. 2) afirmam que:

As mulheres agricultoras não são apenas as principais responsáveis pelas atividades de manutenção do núcleo familiar, mas desempenham um papel fundamental no trabalho relacionado a lavouras e à criação de animais. Sendo assim, elas possuem uma significativa importância na dinâmica da unidade de produção, interferindo diretamente nas diferentes esferas de atuação produtiva e reprodutiva.

Todos esses esforços acabam, na maioria das vezes, não sendo reconhecidos nem pela família, e menos ainda pela sociedade, ocasionando nessas mulheres uma série de consequências tanto para a saúde física quanto para a psicológica. Schaff (2005) relata que se deparou com esse aspecto quando realizava uma pesquisa de campo com mulheres do ambiente rural: “Encontrei muitos casos de depressão feminina. Solidão, falta de contatos sociais, trabalho rotineiro, dupla jornada de trabalho, doença, difícil relacionamento com o marido e pobreza constante são algumas das razões indicadas.” Dessa forma, a consequência disso é a baixa motivação dessas mulheres em procurar cuidar de si e se auto valorizar.

As entrevistadas S2, S3 e S6 (43%) referiram como critério para divisão de tarefas a distinção do serviço pesado e do serviço leve:

O serviço mais pesado é para o homem, porque eles têm mais força, mas a mulher ajuda também. (S2).

O Homem fica com serviços relacionados à lavoura, trato do gado, que são mais pesados. (S3).

O homem faz o serviço mais pesado, a mulher faz o serviço mais leve. Na verdade o que é mais difícil fica como serviço do homem. (S6). (informações verbais).

Assim, nessas famílias, o trabalho realizado pelas mulheres agricultoras é avaliado como leve, visto que para a mulher é repassada a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, e todo o esforço efetivado no campo junto ao marido é considerado somente como ajuda.

Em relação à divisão do trabalho por sexo, na agricultura, as mulheres em geral ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como ajuda, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles. (THUM, 2011, p. 577).

Certamente, o trabalho realizado pela mulher na agricultura é um trabalho pesado, e elas batalham ao lado do marido de igual para igual no intuito de tornar a propriedade mais próspera. Angelin (2008, p. 3) também afirma que as mulheres desempenham muitas atividades no seu dia a dia que não devem ser avaliadas como leves. A autora exemplifica algumas destas atividades, como os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, com a alimentação das crianças e também do marido, a atenção com a saúde de todos, a ordenha das vacas, entre outras.

Além do mais, essas mulheres deixam de lado, muitas vezes, sua vaidade e feminilidade por estarem expostas ao trabalho sofrido, geralmente encarando várias horas embaixo do sol escaldante e lidando com suor, pó, ambientes sujos, muita força física, enfim, trabalhando no serviço denso e “grosseiro”.

Paulilo (2004), em sua pesquisa, mostra que a distinção entre trabalho “leve” e trabalho “pesado” está muito mais relacionado ao sexo do que ao esforço utilizado para realizá-lo. Assim, independentemente do quão exaustivo seja o trabalho realizado pela mulher, aos olhos da sociedade, ele será considerado leve.

Se o nosso meio social reforça constantemente que a mulher agricultora realiza no seu dia a dia somente trabalhos leves, ajudando o marido, não tendo capacidade de liderar a propriedade rural, esse estereótipo de submissão se manterá continuamente.

Também foi apontado no discurso de duas entrevistadas o desinteresse das futuras gerações em permanecer no ambiente rural:

Mas hoje o serviço agrícola tem muitas dificuldades, a renda financeira depende muito do tempo e da terra, e com isso, meu filho e filha não tem mais interesse em permanecer no interior. (S6).

Hoje em dia, nem os filhos homens e nem as filhas mulheres aceitam ficar na agricultura. Eles saem de casa e vão estudar, para ter um trabalho melhor. (S7). (informações verbais).

Segundo autores, existe atualmente uma forte migração da população rural, especialmente moças, para os centros urbanos. Em sua pesquisa, Mello (2006) mostra que a conduta dessas jovens é resultado da falta de espaços para uma participação considerável na propriedade, e sua renúncia pela agropecuária também possui ligação com a penosidade do trabalho.

Esta passa a ser uma situação preocupante, pois, conforme Mello (2006), está acontecendo uma espécie de “ruptura” no padrão sucessório, isto é, percebido com a intensa migração das jovens do ambiente rural, assim, ocasiona um desequilíbrio de gênero e o surgimento do fenômeno do celibato masculino, acarretando maior dificuldade de reprodução social e econômica.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as entrevistadas nasceram e cresceram observando a mulher ser tratada como inferior perante o homem, tendo que depender inteiramente do marido para poder ter uma vida digna, além de ser julgada pela sociedade de acordo com o seu comportamento. No início do século XXI, essas mulheres vêm presenciando uma nova era, na qual mulher trabalha fora, ganha seu próprio dinheiro e luta continuamente por seus direitos.

Nesta pesquisa, foi possível observar a percepção das mulheres agricultoras em relação à desigualdade de gênero. O aspecto liberdade está entre os fatores que diferem o homem da mulher, pois o homem é mais livre e possui mais tempo para realizar atividades que lhe agradam. A mulher, por outro lado, nos momentos vagos precisa dar atenção aos filhos e aos afazeres domésticos, fato que contribui para mantê-la em casa por maior período de tempo.

As entrevistadas também ressaltaram que a mulher contemporânea está sobrecarregada, isto é, adquiriu liberdade financeira a partir do momento em que começou a trabalhar fora, porém, não se despreendeu das suas antigas responsabilidades, como casa e filhos.

No que diz respeito às tarefas realizadas no contexto agrícola, é percebido que, apesar de estas mulheres trabalharem junto ao marido, realizando as mesmas atividades que ele, e ao mesmo tempo cuidar de tarefas domésticas e dos filhos, todo o trabalho realizado por elas é considerado leve, independentemente da quantidade de esforço utilizado. O que torna nítido o preconceito ainda existente neste ambiente.

Essa discriminação é consequência de uma educação diferenciada entre os dois sexos, na qual são estimulados desde criança comportamentos específicos para homens e para mulheres. Dessa forma, ao pretender combater a desigualdade referente ao gênero, é essencial que se estimule o pensamento crítico, buscando informações sobre o tema gênero e discussões sobre a importância da mulher na sociedade, procurando evitar qualquer tipo de divisão de grupos por sexo.

#### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rafael Junior et al. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, mar. 2009.
- ANGELIN, Rosângela. **Mulheres Agricultoras Gerando Renda e Cidadania**. Rio Grande do Sul, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORGES, Nathalia. **A Evolução Recente da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**: perspectiva social e econômica. Campinas: Unicamp, 2009.
- BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: A situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, 2004.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Secretaria do Planejamento, Gestão e Participação Cidadã**. Rio Grande do Sul, 06 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 03 mar. 2014.
- HINTZ, Helena Centeno. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós modernidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 3, p. 8-19, 2001.
- JESUS, Sandra Alves Moura. **A Mulher e a História**: um papel desigual. 2004.
- MELLO, Marcio Antonio. Transformações Sociais Recentes no Espaço Rural do Oeste de Santa Catarina: Migração,

Sucessão e Celibato. **Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, Chapecó, 2006.

MESQUITA, Lívia Aparecida Pires de; MENDES, Estevane de Paula Pontes. **Mulheres Na Agricultura Familiar: A Comunidade Rancharia**, Campo Alegre De Goiás (Go). Uberlândia, out. 2012.

OLIVEIRA, Silvio. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. **Pioneira**, São Paulo, 1997.

PAULILO, Maria Ignez. Trabalho Familiar: Uma Categoria Esquecida de Análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, jan. 2004.

RODRIGUES, Valeria L. A importância da mulher. In: PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Curitiba: SEED/PR, 2011. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

SAFFIOTI, Helleith. **O poder do macho**. Moderna, São Paulo: Moderna, 1987.

SCHAAF, Alie Van Der. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul. **Sociologias**, Porto Alegre, 2005.

THUM, Moara Ailane et al. Saberes relacionados ao autocuidado entre mulheres da área rural do sul do Brasil. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, 2011.